

ZAPPING cinema



O DOCLISBOA e o apocalipse

A Última Vez
que Vi Macau,
de João Pedro
Rodrigues e João
Rui Guerra
da Mata, que
abre o Docs.

A *Última Vez que Vi Macau*, a nova coqueluche do cinema português nos festivais internacionais, é a grande atração do doclisboa, que agora cumpre dez anos e passa a ser gerido por quatro mulheres. Por Rui Pedro Tendinha.

Uma década a mostrar cinema documental ao País. O melhor cinema com verdade do mundo. Tem sido essa a missão do Doclisboa, um festival que chegado à edição dez se renova e muda de direção. A partir de 18 de outubro a capital assiste a um desfile de propostas que este ano são comandadas por um comité de senhoras. A Apordoc – Associação pelo Documentário, entidade promotora deste evento, apostou no bom senso feminino e as quatro novas diretoras são Cinta Pelejà, Ana Jordão, Susana de Sousa Dias e Cíntia Gil. Quatro mulheres que acreditam às cegas que é urgente divulgar o cinema documental com caução artística e política. Este ano, talvez mais política, com uma retrospectiva integral da obra da realizadora Chantal Akerman no centro. Entre as novidades, a secção Cinema de Urgência, onde vão estar selecionados filmes com inclinação *engagée* e uma visão de cidadania perante os acontecimentos presentes. Se antes a canção era uma arma, bem-vindos aos tempos do doc-protesto.

Mas os docs que vão desfilar por muitos ecrãs de Lisboa podem também ser programados numa nova secção: Verdes Anos, um

espaço de primeiras obras que serve como tubo de ensaio para jovens cineastas. Uma secção de risco que, numa altura em que se filma o real de forma incontinente, vem mesmo a calhar. Por tudo isto, é de acreditar que continuará a ser *trendy* ir ao doclisboa. As quatro diretoras rebatem: “Mais do que *trendy*, é importante porque abre os horizontes e propõe um pensamento vivo sobre o mundo através do cinema. Vamos ter muitos e exce-

“Tentámos ter uma aproximação lúdica aos filmes sobre o apocalipse de 2012 e aos filmes-catástrofe.”

(João Rui Guerra da Mata)

lentes filmes, e convidados estimulantes. Será uma ocasião de partilha e celebração do cinema.” Mas não se pense que é um festival sob o signo do feminino. “Não, é um festival sob o signo do masculino”, brincam. O doclisboa se calhar não tem signos, tem é um desígnio de nos agitar. Coisa rara...

E, como abertura, a marca das quatro soa a provocação: *A Última Vez que Vi Macau*, uma

ficção de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata. Ou a prova de como um festival de documentários é sempre contaminado pela ficção. Este filme esteve para ser um doc mas tornou-se um engenho de ficção. Uma história sobre um narrador que chega a Macau para salvar uma amiga de uma teia de crimes e mistérios numa cidade em que se adivinha uma espécie de fim do mundo em pleno ano do Dragão. Rodrigues e Guerra da Mata estão fascinados por uma aura de memórias perdidas e por um bafo de *film noir* que já não existe. É sobretudo um convite para o espectador imaginar. “Ganhámos subsídio para realizar um documentário sobre Macau mas quando lá chegámos percebemos que o que nos interessava era pensar aquele território como um espaço de ficções. Mas tendo como ponto de partida as memórias pessoais do João Rui...”, explica João Pedro. O outro João também tem uma pista para este desvio ao real: “O João Pedro nunca tinha ido a Macau. Conhecia a Ásia através do cinema: o cinema clássico americano e o cinema asiático, a literatura e a pintura.” Juntos no cinema, juntos na vida. “Vivemos juntos há muito tempo, partilhámos emoções e deceções. Quando não concordamos tentamos perceber porquê”, revela João Rui, enquanto João Pedro nos confidencia que não percebe se as discordâncias são pessoais ou criativas: “Temos gostos diferentes em relação a alguns assuntos. O confronto de ideias não é necessariamente uma discordância criativa e muito menos pessoal.”

Além de uma narrativa que evoca um desejo de ficção científica de velha escola-série B, passa um imaginário de apocalipse. Um apocalipse figurado por gatos. Muitos gatos, todos eles filmados com requinte. “Tentámos ter uma aproximação lúdica aos filmes sobre o apocalipse de 2012 e aos filmes-catástrofe. Como na mitologia oriental, onde os elementos têm poderes sobrenaturais, quisemos ter este tipo de liberdade criativa na conceção do filme. Quisemos falar de revelações divinas (ou não) que até então permaneciam secretas, sobre coisas que su-postamente aconteceriam em breve. Sobre o fim do mundo ou um renascimento”, contam os cineastas. Seja como for, esta viagem por Macau é um guia de um passado de João Rui, que cresceu na antiga colónia portuguesa. E nessa viagem pelas recordações so-bram olhares íntimos que se cruzam com fantasia, como a presença de uma tal Madame Lobo, personagem de um mistério delirante, interpretada precisamente pela mãe de João Rui. Prova irrefutável de que as nossas memórias de adolescência são o melhor terreno para contos paranormais. ■